



LEPTOSPIROSE SUÍNA: UMA IMPORTANTE CAUSA DE PERDAS REPRODUTIVAS

Marcus Vinícius Silveira¹
Beatriz Dinardi do Nascimento¹
Gleici Damares de Freitas Alves Leite¹
Joanna Navarenski Kondratowski¹
Maria Heloísa Maciel dos Santos¹
Mikaella da Cunha Penafiel¹
Geysa Almeida Viana²

A leptospirose é uma das mais importantes enfermidades bacterianas de ocorrência mundial e em suínos, devido sua forma reprodutiva, causa prejuízos econômicos consideráveis para o setor produtivo, além do seu caráter zoonótico (FIGUEIREDO *et al.*, 2013). A infecção é causada por diferentes sorovares de espiroquetas semelhantes, porém antigênica e epidemiologicamente distintos ambos do gênero *Leptospira* spp. e difundidos em quase todos os países (LEFEBVRE, 2014). O objetivo deste resumo é abordar sobre os aspectos relacionados à etiologia, epidemiologia, patogênese, sinais clínicos, controle e profilaxia da doença. Esta revisão de literatura foi realizada com base em trabalhos científicos pesquisados em portais da área. As leptospirosas penetram na pele íntegra ou escarificada e também mucosas ocular, digestiva, respiratória e geniturinária, possuindo um período de incubação de dois a cinco dias (ZANELLA, 2010). Após transporem as barreiras naturais do organismo, multiplicam-se ativamente no interstício e nos fluidos orgânicos, caracterizando um quadro septicêmico agudo denominado leptospiremia. Nessa fase, ocorre disseminação hematogênica com localização e proliferação em órgãos parenquimatosos, particularmente fígado, rins, baço e, algumas vezes, meninges, bem como nos fetos, onde se multiplicam e causam a morte e reabsorção fetal, abortamento ou nascimento de prole fraca (ADLER e MOCZETUMA, 2010). No período crônico também são encontradas leptospirosas na câmara anterior do olho e principalmente nos rins, por meio dos quais são continuamente eliminadas no ambiente, perpetuando a infecção. Entretanto, o sorovar Bratislava já foi isolado no oviduto e útero de fêmeas que abortaram e no trato reprodutivo de javalis (FIGUEIREDO, 2015). O diagnóstico clínico da leptospirose suína é difícil, uma vez que dificilmente os animais, principalmente os adultos, externam sintomas (ELLIS, 2016). Em animais jovens, os sinais clínicos, como febre, anorexia, icterícia e hemoglobinúria, podem ser sugestivos de leptospirose (FIGUEIREDO *et al.*, 2013). Nas fêmeas, problemas reprodutivos como repetição de cio, abortamento e etc., podem ser um indicativo da infecção (SOTO *et al.*, 2017). A epidemiologia da leptospirose está intimamente relacionada com o ambiente, que necessita de umidade, desta forma as regiões tropicais e subtropicais são mais favoráveis à doença do que as regiões temperadas, secas e frias (BOQUIST *et al.*, 2015). O diagnóstico direto é baseado em cultura bacteriana de amostras como o sangue e urina, PCR, ELISA e Imunohistoquímica e técnicas de impregnação de prata; o indireto é realizado através de soroprecipitação e ELISA (FIGUEIREDO, 2015). O uso de antimicrobianos deve ser feito com cautela e receber atenção especial em virtude do resíduo no produto final (PRESCOTT, 2006). As medidas preventivas mais aplicadas são a vacinação, controle de reservatórios animais (roedores), manejo da alimentação e água e aquisição de animais sadios (SOTO *et al.*, 2017). Apesar de ser uma doença de grande importância e presença no plantel suínico, a manifestação clínica é complexa e exige um diagnóstico preciso para eficiente tratamento, prevenção e controle.

Palavras-chave: Zoonose, leptospiremia, abortos.

FIGUEIREDO *et al.*, Leptospirose suína. **Rev. Bras. Reprod. Anim.**, Belo Horizonte, v.37, n.4, p.344-353, out./dec. 2013. Disponível em www.cbpa.org.br. Acesso em Julho de 2018.

FIGUEIREDO I. L. **Leptospirose em suínos de abate: estudo sorológico e histopatológico**. 2015. 64f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Patos, PB, 2017. Disponível em www.sovergs.com. Acesso em Julho de 2018.

SOTO *et al.*, Leptospirose suína. **Arq Inst Biol São Paulo**, v.74, p.379-395, 2017. Disponível em www.researchgate.net. Acesso em Julho de 2018.

¹Acadêmico do sexto período do curso de Medicina Veterinária do CEULJI/ULBRA. E-mail: marcus.ifro@hotmail.com.

²Médica Veterinária Graduada em Medicina Veterinária e Mestre em Ciência Animal pela UFRSA. Docente do curso de Medicina Veterinária do CEULJI/ULBRA. E-mail: geysaalmeidav@hotmail.com